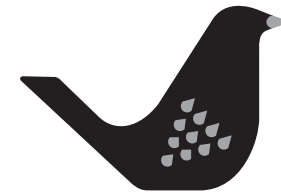




fernando assis pacheco



a musa irregular
edição aumentada

ORGANIZAÇÃO
ABEL BARROS BAPTISTA

POSFÁCIO
MANUEL GUSMÃO

COORDENADOR DA COLECÇÃO
PEDRO MEXIA

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXIX

NOTA SOBRE
A PRESENTE EDIÇÃO

Fernando Assis Pacheco deu o título *A Musa Irregular* à única reunião da sua poesia que publicou: de *Cuidar dos Vivos* (1963) a *Desversos* (1990), completada por um «Lote de salvados», poemas na maior parte aparecidos em jornais e revistas mas nunca em livro. Uma «Nota a fechar», além de dar conta das decisões de organização do volume, deixava perceber o sentido que o poeta atribuía à publicação e as modalidades em que a fazia. *A Musa Irregular* não era exactamente um volume de «poesia completa», nem se pretendia versão definitiva da «obra poética».

Ambicionando-se agora nova reunião, não pareceu aceitável diluir esse livro de 1991, incluindo nele poesia posterior ou até anterior mas dele excluída pelo próprio poeta; e também não se entendeu possível substituir aquele título, tão forte é a solidariedade que o liga quer à poética de Fernando Assis Pacheco quer ao seu sentido da publicação. De modo que se resolveu manter o título com uma menção explicativa, «edição aumentada», pretendendo-se assim preservar inteiramente o livro original e ao mesmo tempo transportar o respectivo título para designar a operação da recolha poética.

O livro que aqui se apresenta tem então três corpos delimitados: *A Musa Irregular*, tal como F.A.P. a definiu em 1991; *Respiração Assistida*, o livro póstumo publicado em 2003; um «Suplemento ao lote de salvados», composto de dispersos e inéditos.

© 2019, Herdeiros de Fernando Assis Pacheco
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A,
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29/30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *A Musa Irregular – Edição aumentada*
Autor: Fernando Assis Pacheco
Coordenador da colecção: Pedro Mexia
Organização: Abel Barros Baptista
Posfácio: Manuel Gusmão
Revisão: Tinta-da-china (M. Alfaia)
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Fevereiro de 2019

ISBN 978-989-671-475-8
DEPÓSITO LEGAL N.º: 451026/19

No final do volume, o leitor interessado encontra a informação bibliográfica essencial sobre os textos aqui reunidos.

Abel Barros Baptista

A MUSA IRREGULAR



*para que eu pudesse fazer esta rude & tosca
escritura, que por herança deixo aos meus filhos*

FERNÃO MENDES PINTO

CUIDAR DOS VIVOS

(1963)

Esquecerei o ano, o dia, a data

fechar-me-ei solitário diante de uma folha branca

VLADÍMIR MAIAKOVSKI

PESO DE OUTONO

Eu vi o Outono desprender suas folhas,
cair no regaço de mulheres muito loucas.
Cem duzentas pessoas num café cheio de fumo
na cidade de Heidelberg pronta para a neve
saboreavam tepidamente a sua ignorância.

Eu vi as amantes ensandecerem
com esse peso de Outono. Perderem as forças
com o Outono masculino e sangrento.
Os gritos a meio da noite
das amantes a meio da loucura voavam
como facas para o meu peito.

Alguns poetas li-os melhor no Outono,
certos amores só poderia tê-los,
como tive, nos dias doces da vindima.

SENTO-ME NA TUA TERNURA.
A CHUVA CAI...

Sento-me na tua ternura. A chuva cai,
olhas-me tão fundo que de repente
sou de vidro, cuidado, vou quebrar!
Acaba triste o mês de Maio, perto.
E estás no Maio triste, na chuva e no vento,
a tua ternura quer matar-me.
Quem sabe, amor, onde o amor se fere?

TENTAS, DE LONGE

Tentas, de longe, dizer que estás aqui.
Com peso triste caminha na rua o Outono.
O meu coração debruça-se à janela
a ver pessoas e carros, e as folhas caindo.

Mastigo esta solidão
como quando era pequeno e jantava
diante dos pais zangados:
devagar, ausente.

O POETA CERCADO

O poeta está cercado. Espera-o
um avô muito velho.
As cartas chegam com pequenas manchas
de lágrimas — alguém ao longe invoca
o poeta cercado. E ele grita:
afaste-se a noite. Mas vem a noite
cercá-lo ainda mais.
Uma casa com um avô muito velho
manda revistas, soluços, cartas,
apaga-se na distância. (Mas vem o medo
cercá-lo ainda mais.)

O poeta escreve os seus papéis
furtivamente.
Come com gestos lentos e imprecisos.
Bebe em silêncio. Olha as matas em volta.
Dorme enrolado no seu cobertor
como o romeiro do Senhor da Serra,
mas pior, e menos, porque não há deus.

O poeta cintila penosamente
entre o nevoeiro.

CATALABANZA, QUILOLO E VOLTA

(1972)

Sim: tentarei o canto mesmo de gatas

JOSÉ BAÇÃO LEAL

LISBOA

«E HAVIA OUTONO?»

Havia o que não esperas: árvores,
altas árvores de coração amargo,
e o vento rodopia e leva
as folhas cegas
sobre a cabeça do homem.
Havia um coto em sangue.

*Não morreremos nunca, diziam.
O beijo canta, a lenha queima
junto à pista.
Morreremos dez vezes
para nascer dez vezes,
não morreremos nunca,
diziam.*

Aquele que trouxe uma tibia da Quitilene
envernizou-a depois em silêncio.
Havia o que não esperas: horas,
minutos como horas
para mastigar o sus-
tocado pelas trevas da mata.

E as minas / os forninhos /
as armadilhas com trotil /
ah não vou contar-te um décimo
desta libertinagem.
Havia súbitos rios, cândidos

arbustos pendentes
que a cigarra desperta ao meio-dia.
Morreremos dez vezes, diziam,
para nascer dez vezes, diziam,
não morreremos nunca.

Aquele que se enche de vinho
tinha as palavras presas
na boca por cabelos finíssimos.
Adormecia voltado para dentro,
ignorante e trémulo,
espantado com a queda
de grandes rochas no ouvido.

Havia o que não esperas: risos,
lágrimas como risos,
lágrimas
como folhas cegas
explodindo ao de leve;
e a morte —

DEMBOS

MONÓLOGO E EXPLICAÇÃO

Mas não puxei atrás a culatra,
não limpei o óleo do cano,
dizem que a guerra mata: a minha
desfez-me logo à chegada.

Não houve pois cercos, balas
que demovessem este forçado.
Viram-no à mesa com grandes livros,
com grandes copos, grandes mãos aterradas.

Viram-no mijar à noite nas tábuas
ou nas poucas ervas meio rapadas.
Olhar os morros, como se entendesse
o seu torpor de terra plácida.

Folheando uns papéis que sobraram
lembra-se agora de haver muito frio.
Dizem que a guerra passa: esta minha
passou-me para os ossos e não sai.

POSFÁCIO

MANUEL GUSMÃO

A epígrafe de *A Musa Irregular* que é uma citação de Fernão Mendes Pinto — «para que eu pudesse fazer esta rude & tosca escritura, que por herança deixo aos meus filhos» — constitui uma poderosa indicação de leitura do conjunto da obra de Fernando Assis Pacheco. A indicação de que essa obra deve ser lida como um tom ou uma arte menor da literatura, na exacta medida em que a poesia aparece como uma actividade doméstica e familiar. Primeira reunião da obra poética de Fernando Assis Pacheco publicada em 1991, *A Musa Irregular* acolhe assim, como epígrafe, esse retrato da poesia feito por um prosador, Fernão Mendes Pinto, alguém que patrocina na literatura portuguesa esse tom menor que leva a poesia a aceitar-se como arte da prosa. A obra de F.A.P. responde com uma consistência exigentíssima aos supostos que uma arte da prosa ou um tom menor da poesia implicam.

Digamo-lo, F.A.P. é um autor de folhetos ou de plaquetes. Herberto Helder disse-o de si mesmo, mas posso imaginá-lo com inteira verosimilhança a propósito de Assis Pacheco. E, repare-se que, se em Herberto esta circunstância não o impede de daí deduzir uma terrível continuidade que brilha ou cintila em *Ou o Poema Contínuo*, também as plaquetes de que nos fala Fernando Assis Pacheco na «Nota a fechar» de *A Musa Irregular* não impedem uma continuidade que se deixa ler, na maneira semelhante como se oferecem à ampliação, quando reunidas em livro,

e que o seu autor descreve assim: «[...] uma série de plaquetes de oito páginas — uma apenas, a última, com o dobro do tamanho: dezasseis — estritamente para ofertas.» Alguns desses títulos estariam, em devido tempo, na origem de *Memórias do Contencioso* (1980) e de *Variações em Sousa* (1987), mas os dois restantes mantêm-se até hoje fora do modelo comercial: *A Profissão Dominante* (1982) e *Nausicaah!* (1984).

Como já o disse no posfácio de *Respiração Assistida*, esta maneira de publicar não me parece que «se deva a uma dificuldade em encontrar editora». Já me sinto menos seguro quanto ao dizer que tal maneira não seria «sinal de um descaso, de uma indiferença ou de uma insegurança invencível, julgo que se trata antes dos gestos de uma poética e do seu *ethos*, de uma história de discreta insistência entre os acasos e a necessidade, de uma circulação quase secreta». Creio hoje que o que a maneira de publicar revela é consistente com uma poética que abandonou as grandes esperanças que se têm depositado na poesia, e isso poderia significar que Fernando Assis Pacheco seria um dos primeiros poetas pós-modernos da poesia portuguesa, ou talvez não. De facto, julgo que, sobretudo depois da descoberta e publicação desta segunda colecção de inéditos, o que esta obra nos dá a ler é antes uma poética que expõe ou exhibe o trabalho da morte corroendo a palavra e os vários gestos de que ela se investe nas suas tarefas de resistência.

Conjecturava eu nessa altura que Fernando Assis Pacheco buscava assim «retirar o rumor da sua poesia do vozear do mercado, do ruído mundano da ‘comunicação’ ou da instituição literária, para a colocar no plano de uma

amizade entre escrita e leitura». Assim, este poeta não se imaginava rigorosamente como um vate ou um oficiante de uma concepção de alguma forma sacralizada da poesia. Nem se terá atormentado com a ideia mallarmeana de um livro que fosse um livro. Imagino que pudesse aceitar sem grandes problemas a ideia da poesia como um *álbum* (expressão que Mallarmé contrapunha à do seu «livro») ou, como efectivamente chamou à recolha de 1991, uma «colecção» de livros, de plaquetes, de poemas.

O seu primeiro livro de poemas, *Cuidar dos Vivos* (1963) tem uma epígrafe de Vladímir Maiakovski, «Esquecerei o ano, o dia, a data / fechar-me-ei solitário diante de uma folha branca», que parece contraditar a poética implícita do livro, uma vez que recordaria a historicidade das circunstâncias temporais da escrita, apontando para essa visão já tão nossa conhecida do combate singular entre o sujeito escritor e a página em branco que receberá, em eco, a escrita. Este livro aceita entretanto uma integração histórica num movimento de evolução neo-realista não epigonal, como ele próprio se refere, na «Nota a fechar» de *A Musa Irregular*. Ou dá mostras de um realismo da confiança e da confessionalidade capaz, entretanto, da auto-ironia.

Joaquim Manuel Magalhães determina essa via terceira que a poesia de Assis Pacheco abre no quadro das possibilidades da poesia portuguesa no início dos anos 60.

A citação do Marquês de Pombal «cuidar dos vivos, enterrar os mortos», que implica que os mortos não deverão tomar o lugar dos vivos, parece marcar uma atitude daquele poeta que não pode deixar que a tristeza sujeite

ÍNDICE

Nota sobre a presente edição, <i>Abel Barros Baptista</i>	5
A MUSA IRREGULAR	7
Cuidar dos Vivos	11
Catalabanza, Quilolo e Volta	63
Viagens na Minha Guerra	135
A Batalha do Marne	147
Enquanto o Autor Queima Um Caricoco <i>seguido de Sons Que Passam</i>	153
Memórias do Contencioso	163
A Profissão Dominante	219
Nausicaah!	229
Variações em Sousa	235
Desversos	291
Lote de Salvados	301
RESPIRAÇÃO ASSISTIDA	343
SUPLEMENTO AO LOTE DE SALVADOS	391
Posfácio, <i>Manuel Gusmão</i>	429
Nota bibliográfica	445



a musa irregular
edição aumentada

de Fernando Assis Pacheco
foi impresso na Eigal, Indústria Gráfica,
em papel CoralBook de 90 g, em Janeiro de 2019.

